

MÉTODO, METODOLOGIAS E PROJETOS: Um estudo ligado ao ensino da gramática

Juan Carlos de Souza Leite¹

RESUMO: Boa parte da cultura de formação dos professores no Brasil foi construída à margem dos estudos acerca das metodologias de ensino. O momento atual exige, contudo, que isso mude, de tal modo que mais estudos e debates sobre a importância dos métodos, principalmente em relação ao desenvolvimento do conhecimento gramatical, surjam. Por isso, discutir o que é um método, metodologias, seus benefícios para a alfabetização, expor métodos ligados ao processo de ensino da gramática, seus princípios norteadores, fases, é de extrema relevância. Para tanto, este trabalho possui o objetivo de atender a essa demanda relevante da sociedade. O método de pesquisa utilizado foi a revisão bibliográfica de artigos e livros ligados ao tema abordado. Deu-se preferência à utilização de obras de autores especialistas no assunto, como Arthur Gomes de Moraes, o qual possui vários livros acerca do ensino da ortografia. Ao final do trabalho, quatro conclusões foram expostas. A primeira é que método é diferente de metodologia. A segunda diz respeito à relevância de ambos os conceitos para a alfabetização. A terceira é que o ensino da gramática está inserido em um sistema próprio. A quarta é que os projetos podem auxiliar na utilização de métodos ligados ao ensino da ortografia.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. gramática. métodos. metodologia. projetos.

INTRODUÇÃO

Há muito tempo no Brasil a formação do professor da educação básica tem sido pautada por uma forte carga curricular de conhecimentos sobre os educandos e as suas peculiaridades psicológicas, físicas, etc. Com isso, criou-se um distanciamento com as metodologias educacionais. Aliás, de forma até mais incisiva, é possível afirmar que: “passou-se a menosprezar ou a ignorar a importância das metodologias de ensino”. (BRASIL, 2020, p. 45)

Se isso não bastasse, também há muitos anos existe em âmbito nacional uma “guerra” entre os vários métodos existentes de alfabetização. Tem-se defensores e acusadores de todas as ordens possíveis. Isso, no entanto, é temerário, uma vez que, conforme defendido por Inês, “a velha “guerra dos métodos de ensino da leitura” (fônico ou global) é hoje obsoleta e completamente ultrapassada”. (SIM-SIM, 2009, p. 15)

¹Graduado em Direito pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Especialista em Fundamentos do Direito e Teoria Geral do Estado pela faculdade Focus. Graduando de Letras, português e inglês, pela Universidade Cesumar. Professor do primeiro ano do ensino fundamental da rede pública de ensino. E-mail: juancarlosdesouza15@gmail.com

São essas questões que justificam o presente projeto. Objetiva-se aqui: 1) debater acerca do que é metodologia e método; 2) refletir sobre a importância do método para a alfabetização; 3) expor alguns métodos para auxiliar no processo de aprimoramento ortográfico dos alunos; 4) compreender as especificidades, princípios e fases ligadas ao refinamento gramatical dos educandos.

Para tanto, o artigo está dividido em três capítulos de desenvolvimento. Na primeira parte, o conceito de metodologia, método e a sua função para a alfabetização são abordados. Na segunda, por sua vez, adentra-se nas metodologias ligadas ao ensino da gramática expondo as fases, os princípios, os principais métodos, a historicidade e a função das normas gramaticais. No terceiro e último capítulo de desenvolvimento, é feita uma breve consideração sobre a importância dos projetos para os métodos e para a metodologia e, por fim, é oferecido um projeto como exemplo prático de implementação dos métodos citados no capítulo anterior.

A metodologia utilizada na elaboração dessas partes foi a revisão bibliográfica de livros e artigos atinentes ao tema. Em relação a cada documento analisado, houve uma reflexão crítica e comparativa, a fim de fornecer ao leitor algo novo e coerente.

Pelo seu aprofundamento e viés prático, a pesquisa feita pode ser indicada a todas as gestões educacionais do Brasil, assim como aos professores que lidam, direta ou indiretamente, com a alfabetização e o letramento.

1. A METODOLOGIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Para começar esta parte do trabalho, é importante delimitar dois conceitos que aparecem muitas vezes em obras bibliográficas como sinônimos: metodologia e método. Como dito, alguns autores, como Silva (2020,p.121), tratam ambas as palavras como se possuíssem significados iguais -não obstante ele faça ressalvas acerca de qual prefira, como será visto à frente-, outros, por sua vez, como Prado (2011) tratam ambas distintamente.

De fato, há uma diferença entre os dois vocábulos, que é até mesmo importante para compreender o trabalho docente. Conforme Prado (2011) defende, a metodologia é uma direção para alcançar um fim determinado, sendo o método o caminho escolhido pela metodologia para auxiliá-la com o seu fim pretendido.

Perceba que a diferença trazida pelo autor é importante, porque permite que mais de um método possa ser utilizado. Exemplificando, pode-se dizer que a metodologia é a estrada escolhida, enquanto o método é o veículo a trafegar por ela. Às vezes, para percorrê-la por completo são necessários mais veículos e, portanto,

mais métodos. A estrada detém o conhecimento dos métodos que por ela trafegam. Cada método atende a uma parte do caminho e a união de todos possibilita que a metodologia alcance o seu resultado.

Mesmo assim, há ainda aqueles que dessa forma não compreendem, como o autor citado no início. Para ele, método e metodologia são a mesma coisa. Além disso, ele faz também uma reflexão sobre o conceito empregado a esses termos. Se entendidos como uma sequência de passos estáticos, o escritor defende que não sejam utilizados na alfabetização. Todavia, caso sejam encarados como um conjunto de valores a conduzir o processo educativo, ele acredita que sim, deve-se utilizar. (SILVA, 2020).

Ademais, o autor deixa claro que, conquanto entenda que cada termo citado designa o mesmo objeto de estudo, a palavra método, por causa do seu esteriótipo ligado às tendências tradicionais, não deve ser utilizada. Ora, no começo deste capítulo se advogou pela tese de que ambas são palavras diferentes e que, de certo modo, complementam-se. Portanto, essa ideia proposta por Silva não deve prosperar. (SILVA, 2020)

Ainda que o seu pensamento seja coerente, ele parte de uma noção distinta daquela que aqui se defende. Além disso, não obstante seja compreensível as suas inquietudes sobre os estigmas criados em relação à palavra, não se pode esquecer que ela é importante, haja vista a carga de significação que possui.

Apesar disso, Silva bem explica o porquê que a metodologia ainda hoje deve ser utilizada no processo de ensino-aprendizagem da alfabetização. Para ele, o trabalho docente deve ser sistematizado, planejado e organizado. A metodologia seria, então, uma forma de alcançar essas pretensões. Quando ensina, o professor deve ter ciência de onde está, para onde quer ir e qual o caminho a ser trilhado para tanto. A noção acerca do conjunto de valores que integra a sua prática, o que para o autor é a noção metodológica, deve-se estar bem consolidada, a fim de garantir que os fins pretendidos sejam alcançados. (SILVA, 2020)

Continuando, essa reflexão feita no capítulo é relevante, pois muitos dos docentes brasileiros há muito tempo veem acumulando informações sobre a trajetória da criança, seu desenvolvimento, suas fases, sem, contudo, terem segurança sobre como agir. Essa ideia, inclusive, é defendida por Moraes, o qual diz que:

Na realidade, durante mais de uma década, o que predominou na formação inicial e continuada dos professores foi o acesso dos docentes à descrição do percurso evolutivo vivido pelo aprendiz, ao aprender o sistema alfabético e não uma discussão sobre formas de

didatizar aquela informação. (MORAIS, 2006, p. 05)

Em verdade, parece que muito se fala acerca desses temas, mas se esquece da questão da operacionalização. Como regra, do professor da educação básica é exigida prática e, portanto, o manejo e a utilização da metodologia e do método. Ora, se muitos não sabem sequer distinguir uma coisa da outra, o trabalho fica bem mais complexo. Aliás, nesse ponto é importante retomar a ideia de Silva sobre o método. Para ele, como visto, trata-se de um conjunto de valores. Essa noção vaga só serve para confundir ainda mais aqueles que buscam melhorar a sua prática. Por causa disso, torna-se importante explicar um pouco mais o que seria a utilização de metodologia e de métodos, na prática.

Em primeiro lugar, imagine que você é um professor dos primeiros anos da alfabetização. Há na sua turma uma heterogeneidade, ou seja, os alunos estão em níveis de escrita diferentes: cinco estão no nível silábico sem valor sonoro, sete estão no nível silábico com valor sonoro. Agora, você deve escolher os métodos, ou seja, a sequência de atos ligados que ajudarão você a fazer com que os alunos passem de uma hipótese da escrita à outra. Para tanto, você deve ter metodologia, que é o estudo, a investigação, de quais métodos podem auxiliá-lo nesse empreendimento. A partir dessa análise metodológica, você irá, então, manejar os métodos escolhidos, a fim de alcançar o fim almejado. Atente-se ao fato de que não existe apenas um método. Conforme defendido por Prado (2011), para cada dilema há um procedimento a ser seguido. Antes de segui-lo, é primordial que o conheça, ou seja, que possua metodologia. Aqui reside também uma ressalva ao posicionamento de Silva.

Esse autor sustenta que “os métodos fônicos e outros métodos tradicionais desconsideram os conhecimentos prévios sobre o sistema de escrita”, mas ele não cita que o método não existe isoladamente. Na verdade, além de todos serem uma construção social inacabada, haja vista que estão sempre em uma latência de mudança, todos são manejados pelos seres humanos e, portanto, o seu uso inadequado ou não deve ser atribuído aquele que os utiliza. (SILVA, 2020, p. 118)

Como adotado por Morais: “é também indicador de ignorância de nossa realidade educacional crer que existem métodos milagrosos ou que os métodos, por si sós, garantiriam o sucesso dos alfabetizandos”. O contrário também é verdadeiro, ou seja, é ingenuidade pensar que o método leva ao fracasso escolar. Na realidade, o desconhecimento, o manejo sem metodologia dos métodos disponíveis são fatores que podem sim contribuir para um desmantelamento acentuado da educação nacional. (MORAIS, 2006, p. 04)

Aqui vale citar, novamente, a questão da formação do docente brasileiro. Confundi-se e ainda continuam a confundir o estudo da criança e de suas especificidades e demandas com uma metodologia educacional. Mais estudos e debates como este são, portanto, de extrema relevância. (ANDRADE, ANDRADE e PRADO, 2017)

2. OS MÉTODOS PARA DESENVOLVER A ESCRITA ORTOGRÁFICA

É importante que o professor, antes de conhecer os métodos para auxiliar os seus alunos durante as aulas, entenda o que é uma ortografia e o porquê ela existe.

A gramática, compilado de regras sociais acerca de uma língua, é uma invenção humana recente. Ela surgiu para uniformizar a comunicação, principalmente escrita, entre os falantes da língua, haja vista que se percebeu dentro do próprio idioma uma heterogeneidade que dificultava a comunicação. Não obstante falassem a mesma língua, emissor e receptor tratavam os vocábulos de forma diferente por causa de suas diferenças regionais, culturais. Até hoje é assim. Na Bahia, “bala” possui um significado diferente daquele presente no Rio de Janeiro.

Logo, a gramática não é algo natural que pode ser facilmente apreendido pelo convívio em sociedade. Falar é diferente de dizer de acordo com o regramento. A fala é algo que deriva de uma necessidade social. O indivíduo, para se comunicar, caso tenha um aparelho fonador adequado, fala aquilo que ouve. Contudo, a escrita pensada de acordo com a gramática não surge a partir dessa mesma necessidade. É algo extremamente complexo e de difícil inserção, porque a criança muitas vezes não segue em seu dia a dia as orientações gramaticais. Dessa forma, a primeira conduta a ser adotada é a da sensibilização do aluno. É relevante que o docente explique ao educando o porquê ele deve aprender as regras gramaticais.

O primeiro motivo é adequação. Cada ambiente exige do falante uma postura linguística. Socialmente se convencionou que dentro de um fórum, diante de um juiz, o tratamento, a fala e a escrita devem ser padronizados, com pontos e travessões. Agir diferente, deste modo, não é bem aceito. O contrário também é adequado. Em um grupo de família, não é apropriado que a pessoa utilize a todo momento a língua padrão, com todas as pontuações, extensões, sob pena de: ser “classificados por analfabites (analfabetos digitais) e serem ridicularizados em grupos”. (SOUZA, 2016, p. 54).

Continuando, de acordo com (MORAIS, 2010), há duas formas de se aprender a ortografia.

A primeira se dá pela memorização. Há algumas questões da língua portuguesa que não foram codificadas, mas são apreendidas por causa de um padrão. Há outras, que sequer possuem um padrão a ser observado. Nesses casos, o trabalho do docente deve ser pautado pela sinceridade. O Aluno deve conhecer essas especificidades. É bom também que os padrões sejam registrados em uma cartolina ou outro suporte sempre que o professor ou os alunos perceberem.

A segunda, por sua vez, dar-se por meio da compreensão. Essa técnica de aprendizagem é viável quando há uma construção gramatical sobre o assunto. O professor, então, deve ser o primeiro a compreendê-la, até com mais profundidade do que o aluno, de tal modo que possa passar com segurança a ele as informações que necessita para a ocasião.

Além disso, Moraes defende que existem três níveis de consciência ortográfica que podem ser percebidos pelos docentes: a) inicial, sem consciência do que errou; b) com dúvidas se errou ou não; c) autocorreção. É interessante que o professor, por meio dos métodos mencionados a seguir ou qualquer outro que ele use, identifique essas fases, pois elas são indicativas de um progresso, assim como ocorre nas fases da escrita. (MORAIS, 2010)

Vale mencionar também os princípios criados por Moraes que devem nortear a escolha dos métodos a serem usados para desenvolver ou aprimorar a ortografia de seus alunos: 1) o método deve conter momentos de explicação acerca das regras ortográficas; 2) deve haver uma delimitação de objetivos; 3) o momento da utilização do método que explore a ortografia é quando a criança está no nível alfabético; 4) antes, é necessário um diagnóstico inicial, de tal modo que os valores anteriores possam ser cumpridos; (MORAIS, 2010)

Explicada essa orientação metodológica, passa-se, então, a citar os principais métodos existentes quando o assunto é alfabetização e letramento.

Iniciando o assunto, cita-se que embora a maioria dos autores tratem os temas a seguir como métodos, parece que é melhor entendê-los como perspectivas pedagógicas, porque os métodos podem ser construídos a partir delas. No entanto, a fim de que o leitor não se confunda, a nomenclatura utilizada será a mesma que muitos escritores adotam.

Quando se fala em alfabetização, dois são os métodos mais comentados: o sintético e o analítico. O primeiro, em síntese, trabalha com a noção de que a criança deve conhecer as menores partes das palavras para, então, ser apresentada às partes maiores. Dessa forma, ensina-se, como regra, nesta ordem: 1) vogais e consoantes; 2) sílabas consideradas simples; 3) sílabas entendidas como complexas; 4) frases; 5)

orações; 6) períodos. O segundo funciona de forma reversa, ou seja, as partes menores são retiradas de um texto, a fim de que o aluno possa conhece-las.

Todavia, como dito, esses “métodos” são mais visões pedagógicas do que procedimentos. Os métodos, ou seja, sequências de procedimentos dirigidos a um fim são criados, geralmente, a partir dessas perspectivas. O professor, quando planeja as suas aulas, geralmente traça um procedimento, que é o método. Na alfabetização, é costumeiro que essas sequências de atos traçados tendam mais para uma visão geral ou para uma visão individual da escrita. Não quer dizer, no entanto, vale frisar, que essas concepções sejam métodos.

Para exemplificar, Moraes (2010) cita alguns métodos que podem ser utilizados para aprimorar a ortografia dos alunos, quais sejam: 1) ditado dinâmico; 2) releitura com enfoque; 3) reescrita com transgressão ou correção. Ambos serão melhor explorados a seguir. Vale mencionar, no entanto, que esses procedimentos partem de uma noção analítica e, por consequência, do todo para a parte. Nada impede que outros métodos que abordem uma perspectiva sintética possam ser utilizados de forma conjunta ou separada. O público a ser atendido que será determinante para essa escolha. Dito isso, passa-se à análise de cada método mencionado:

O ditado dinâmico funciona da seguinte forma (pode ser alterada e aprimorada). Primeiro, o professor apresenta à turma um texto. Depois, dita de forma pausada aos alunos uma parte dele. Durante ou após o ditado, faz uma série de perguntas aos educandos, como: 1) há alguma palavra mais difícil? 2) você acha que escreveu de acordo com as regras? 3) teria como melhorar? A partir das respostas, o docente pode anotar e registrar o nível ortográfico de cada um. Além disso, pode explicar aos alunos a grafia com maior índice de erros, dentre outras questões ortográficas que possam aparecer. Ao final deste trabalho você terá acesso a um exemplo de projeto que aborda justamente essas questões e poderá entendê-las melhor.

Continuando, tem-se o método da releitura com enfoque, que funciona assim: o professor ou a turma, coletivamente, lê um texto e, após essa primeira leitura, procede à releitura dando ênfase às questões gramaticais. Assim, por exemplo, caso em um texto lido haja a palavra “cem” e “sem”, o docente pode questionar aos alunos o significado de cada uma, o porquê que elas possuem letras diferentes, porém sons iguais, etc. O interessante é que muitas das questões que possam surgir na sala de aula já tenham sido antecipadas pelo profissional. O professor deve ser o primeiro a perceber os padrões, a fim de não ser surpreendido por perguntas que ainda não possui resposta.

Adiante, a reescrita com transgressão ou correção é um procedimento pedagógico que, assim com os demais citados, objetiva trabalhar demandas gramaticais dos alunos. Por meio dele, o professor pede ao aluno que reescreva uma parte de um texto de forma errada ou corrigindo. Como explicado por Moraes, a transgressão é importante, pois o aluno que a faz já possui um domínio da ortografia. Tanto é que, quando lhe pedem que escreva determinada palavra de forma errônea, ele antes deve conhecer e dominar a forma correta. Se não conhece o certo, terá dificuldade de planejar o errado. (MORAIS, 2010)

Dito isso, tem-se por cumprido o objetivo pretendido até aqui, qual seja o de expor alguns métodos ligados à fase alfabética sem valor ortográfico. No próximo capítulo será exposto um exemplo de projeto educacional que conjuga dois dos métodos discutidos neste enxerto.

3. OS PROJETOS COMO FORMA DE IMPLEMENTAR AS METODOLOGIAS

O trabalho por meio de projetos surgiu a partir do movimento da escola nova, na década de trinta. Embora existam vários nomes significativos de tal prática, segue-se aqui o entendimento de Prado quando diz que, independentemente da nomenclatura a ser empregada, os projetos objetivam desviar os alunos de suas atividades rotineiras, inserindo-os em algo novo e planejado. (PRADO, 2011)

O projeto é uma ótima forma de conjugar, de forma harmoniosa, mais de um método, pois durante a sua elaboração o docente reflete sobre os seus objetivos e procedimentos, podendo encaixar cada método em uma etapa do projeto.

No projeto a ser exposto a seguir, por exemplo, dois métodos explicados no final do capítulo anterior foram utilizados, quais sejam: 1) ditado dinâmico; 3) reescrita com transgressão ou correção;

PROJETO DE ENSINO PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO: REESCREVENDO HISTÓRIAS

Introdução:

O presente trabalho objetiva aprimorar a escrita e a leitura dos alunos do Projeto Alfabetiza Já, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação Rio das Flores/RJ que estão em um nível alfabético não ortográfico da escrita. Nessa empreitada, os alunos terão que, semanalmente, escrever uma parte do diário de Maria Carolina de Jesus, denominado “Quarto de despejo: diário de uma favelada”,

ditado pelo professor. Após essa escrita, com o auxílio do docente, terão que verificar a ortografia das palavras escritas e os sinais de pontuação empregados, reescrevendo com correção. A justificativa dessa proposta, assim como os procedimentos metodológicos e o cronograma de implementação serem vistos adiante.

Justificativa:

A reescritura do texto é um processo antigo. Por meio dela, o indivíduo conhece o enxerto, aumenta o seu vocabulário e aprimora a sua habilidade de escuta e de leitura. Logo, utilizá-la no processo de alfabetização é importante. E, a depender do modo como ela é trabalhada na escola, pode servir para atender a dois pontos fulcrais relacionados à educação contemporânea.

Em primeiro lugar, o ditado interativo e a reescritura com correção são compreendidos por pedagogos contemporâneos como métodos importantes para o processo de alfabetização e letramento, especialmente em relação a alunos que possuem questões relacionadas à ortografia. Inclusive, Moraes (2009), quando aborda às atividades a serem oferecidas a esse público, destaca a importância do que aqui é defendido ao propor esses mesmos métodos.

Em segundo e último lugar, a reescritura, como proposta na metodologia deste trabalho, atende às competências gerais da BNCC, pois o aluno, ao participar do projeto, utilizará os conhecimentos historicamente construídos pela sociedade, quais sejam as normas ortográficas, as palavras, etc, desenvolverá um pensamento crítico ao pesquisar as palavras escritas, aumentará o seu repertório linguístico e, por consequência, cultural, melhorará a sua comunicação escrita, aprenderá a confirmar as informações que lhe são oferecidas, além de compreender as suas potencialidades e limitações linguísticas, o que, por consequência, desenvolverá nele um sentimento empático em relação à escrita alheia. (BRASIL, 2018). Ante todo o exposto, percebe-se que o intento aqui apresentado está justificado, seja pelo próprio cumprimento das competências gerais da BNCC, seja pelo aperfeiçoamento gerado no ensino, seja pela ligação a tendências pedagógicas contemporâneas.

Objetivo: Aprimorar a escrita e a leitura de alunos do Projeto Alfabetiza Já, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Rio das Flores, que estão em um nível alfabético não ortográfico.

Metodologia: As ações serão desenvolvidas no horário do projeto Alfabetiza Já com os alunos que se encontram no nível alfabético não ortográfico. O trabalho terá duração de duas horas semanais e ocorrerá na sala de aula. Na primeira semana, o

professor apresentará a autora do livro a ser utilizado e explicará a obra. Nas semanas seguintes, seguirá o procedimento metodológico a seguir: o docente lerá semanalmente um dia do diário de Carolina aos estudantes, perguntará a eles acerca dos sentidos e esclarecerá possíveis dúvidas sobre isso, logo em seguida pedirá aos alunos para pegarem os seus cadernos e ditará o texto lido e discutido, o qual terá que ser transcrito por eles. Após a transcrição, o professor irá escrever palavra por palavra no quadro e os alunos serão instigados a verificarem a correspondência entre o que eles escreveram e o que está escrito no painel. Nesse momento, o professor deve tratar o erro como algo natural, inclusive deve estimular que os alunos mencionem o que erraram e se tinham dúvidas, assim como os padrões percebidos. Caso surjam ideias de padrões válidas, deve-se anotar em uma cartolina colada ao lado do quadro, para que os educandos sempre possam acessá-la. Para terminar, os alunos devem reescrever corrigindo os erros gramaticais anteriormente cometidos. O professor mediará e acompanhará esse processo tirando dúvidas sobre aspectos sintáticos e morfológicos, além de proceder a uma avaliação contínua durante toda a utilização do método, a fim de constatar os avanços.

Cronograma: O projeto terá duração anual. No entanto, a cada novo livro lido, a abordagem terá que trazer algum procedimento metodológico novo, de modo a adaptar as tarefas aos avanços sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o exame realizado, chegou-se a algumas conclusões. A primeira é que método e metodologia, embora sejam interdependentes, são conceitos não sinônimos e, portanto, assim precisam ser abordados. A segunda conclusão é que ambos os conceitos são relevantes para a alfabetização. A terceira conclusão é que existem métodos, princípios e fases específicas ligadas ao ensino da gramática. A quarta e última conclusão é que os projetos podem auxiliar no manejo e aplicação dos métodos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. E.; ANDRADE, O. V. C. D. A.; PRADO, P. S. T. **Psicogênese Da Língua Escrita Uma Análise Necessária**. [S.l.]: scielo.br, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/TCBYTMxBsqNB3Jw7QJLG3tc/?format=pdf&lang=p>>. Acesso em: 05 set 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília, DF,

2018.

____. Ministério da Educação. **Relatório Nacional de Alfabetização baseada em evidências**, Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/aceso_informacao/pdf/RENABE_web.pdf>. Acesso em: 04 set 2022.

MORAIS, A. G. D. **Concepções e metodologias de alfabetização : por que é preciso ir além da discussão sobre velhos métodos ?** portal.mec.gov, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_moarisconcpmetodalf.pdf>. Acesso em: 04 set 2022.

____. **Ortografia: ensinar e aprender**. [S.l.]: Ática , 2010.

PRADO, F. L. **Metodologia de projetos**. São Paulo: Saraiva, 2011.

SILVA, A. D. **Metodologias de alfabetização: por que não?** Revista Práticas de Alfabetização: processo de ensino e aprendizagem, Recife, p. 113-128, 2020.

SIM-SIM, I. **O Ensino da Leitura: a decifração**. Lisboa: MEC, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, 2009. Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/ensino_leitura_decifacao.pdf>. Acesso em: 05 set 2022.

SOUZA, H. G. D. **Fundamentos Metodológicos e práticas de alfabetização**. Sobral : INTA, 2016.